

NOTA DE IMPRENSA

Museu Nacional de Arte Antiga reabre a 18 de maio com nova exposição na Sala do Tecto Pintado: <<A LINHA QUE FECHA TAMBÉM ABRE>>

De 18 de maio a 26 de julho, a coincidir com a reabertura do Museu ao público, a Sala do Tecto Pintado vai acolher a exposição <<A LINHA QUE FECHA TAMBÉM ABRE>>, uma mostra onde se confrontam cinco trabalhos de desenho e pintura de Julião Sarmiento, um dos artistas visuais mais proeminentes da contemporaneidade, com oito desenhos italianos do Renascimento, e sua extensão ibérica, selecionados do acervo do MNAA. O comissariado está a cargo de João Pinharanda.

<<A LINHA QUE FECHA TAMBÉM ABRE>> é o título da exposição comissariada por João Pinharanda que estará patente na Sala do Tecto Pintado do Museu Nacional de Arte Antiga, entre 18 de maio e 26 de julho, onde a obra de Julião Sarmiento se funde com alguns desenhos italianos do Renascimento.

Os oito desenhos selecionados da coleção do Museu, com autoria ou atribuição a Baccio Bandinelli, Luca Cambiaso, Corregio, Pontormo e Francisco Venegas, essencialmente estudos para figuras a inserir em pinturas, e por isso obras preparatórias, vão coabitar o mesmo espaço com cinco trabalhos de desenho e pintura de Julião Sarmiento, um dos mais relevantes artistas portugueses contemporâneos.

Nesta “linha que fecha mas também abre”, através da presença dos trabalhos contemporâneos de Julião Sarmiento, quebram-se, de certa forma, as sequências temporais, temáticas ou estilísticas que se estabelecem entre os artistas pertencentes a uma cronologia e cultura comuns, permitindo-se assim, a quem visita este universo, que se abram novos caminhos de múltiplos sentidos, entre passado, presente e futuro.

Sobre Julião Sarmiento

Julião Sarmiento, nasceu em Lisboa onde frequentou pintura na Escola Superior de Belas-Artes, estando ligado à renovação da arte portuguesa nos anos de 1970, nomeadamente na aproximação desta às linguagens da *Conceptual e Post-Conceptual Art*, de influência britânica e norte-americana, e nos anos de 1980, contribuindo para integrar a arte portuguesa na viragem internacional para o chamado "Regresso à Pintura".

Desde os seus primeiros trabalhos que o artista incorporou uma grande dominante gráfica e uma articulação estreita entre imagem e texto no seu desenho e pintura e explorou também outros suportes e linguagens, como a fotografia, o vídeo, a escultura, as instalações, o som e a performance.

A sua obra integra os circuitos internacionais da arte contemporânea, desde o final dos anos de 1970, tendo realizado numerosas exposições em feiras de arte, galerias e museus e integrado importantes museus e coleções de Espanha, França, Itália, Alemanha, Países Baixos, Grã-Bretanha, EUA, Brasil ou Japão, entre outros países.

Este reconhecimento antecipou o reconhecimento nacional; mas, a partir da década de 1990, nomeadamente após a representação oficial de Portugal na Bienal de Veneza, em 1997, a sua obra passou a fazer parte de Museus e coleções oficiais sendo hoje considerado um dos mais importantes pintores contemporâneos portugueses de carreira internacional.

Sobre a «Sala do Tecto Pintado»

A «Sala do Tecto Pintado» retira a sua designação do facto de ostentar parte da quadratura original, realizada pelo pintor toscano Vincenzo Bacherelli (1672-1745), durante a sua permanência em Lisboa, entre 1701 e 1721, testemunho raro da pintura de arquiteturas em palácios lisboetas. Pelas suas reduzidas dimensões, esta sala está especialmente vocacionada para o acolhimento de mostras de pequena escala, cujo alicerce comum é a investigação relacionada com o estudo e valorização do acervo do Museu.

Sobre o Museu Nacional de Arte Antiga

Criado em 1884, o MNAA - Museu Nacional de Arte Antiga alberga a mais relevante coleção pública do país: pintura, escultura, artes decorativas – portuguesas, europeias e da Expansão –, desde a Idade Média até ao século XIX, incluindo o maior número de obras classificadas como «tesouros nacionais», assim como a maior coleção de mobiliário português. São também de grande relevância no acervo, nos diversos domínios, algumas obras de referência do património artístico mundial, não só na pintura, mas também no âmbito das suas coleções de ourivesaria, cerâmica, têxteis, vidros e ainda desenhos e gravuras.

Em exposição permanente, destaca-se a sala dedicada à história dos presépios portugueses, articulada com a Capela das Albertas, jóia do Barroco nacional, que é

composta por mais de duas dezenas de obras, incluindo presépios completos e esculturas avulsas, na qual se podem encontrar desde os mais antigos fragmentos de figuras em barro até aos grandiosos conjuntos conventuais e palacianos, da autoria dos mais reputados escultores, desde o século XVI ao século XIX.

No acervo do MNAA, destacam-se os *Painéis de São Vicente*, de Nuno Gonçalves, obra-prima da pintura europeia do século XV, a *Custódia de Belém*, de Gil Vicente, mandada lavrar por D. Manuel I e datada de 1506, os *Biombos Namban*, do final do século XVI, registando a presença dos portugueses no Japão, *Tentações de Santo Antão*, de Bosch, exemplo máximo da pintura flamenga do início do século XVI, *São Jerónimo*, de Dürer, inovadora representação do Santo, e importantes obras de Memling, Rafael, Cranach ou Piero della Francesca. Destaque ainda para a *Custódia da Bemposta*, uma das mais ricas peças da ourivesaria barroca portuguesa, ou a escultura de *Santa Ana Ensinando a Virgem a Ler*, da autoria de Joaquim Machado de Castro, o mais importante escultor do período barroco português.

Lisboa, 9 de maio de 2020

Mais informações

Departamento de Comunicação | Press Office - MNAA - Museu Nacional de Arte Antiga

Rua das Janelas Verdes, 1249-017 Lisboa

mnaa_comunicacao@mnaa.dgpc.pt

www.museudearteantiga.pt

